

Título Evento: O Contributo de Bolonha na Prossecução da Qualidade no Ensino Superior

Tipo de Evento e promotores (Conferência/Seminário/Jornadas/etc.): Encontro promovido pelo GT2 da Comissão Sectorial para a Educação e Formação do Instituto Português da Qualidade

Data: 21 de Outubro de 2009

Local: Auditório do Instituto Português da Qualidade - Caparica

Participante(s) do GEP/NEP: Marta Pile, Carla Patrocínio, Marta Graça, Ana Torres

Objectivo:

Divulgar práticas inovadoras no âmbito da promoção da qualidade na prossecução dos objectivos de Bolonha, tendo em conta as directrizes do regime jurídico de avaliação do ensino superior em termos de oferta educativa, mobilidade e sistemas de qualidade.

O Evento pretendia promover o debate sobre as diferentes perspectivas e lógicas, individuais ou institucionais, no desenvolvimento de sistemas/iniciativas de promoção e avaliação dos objectivos de Bolonha, com especial enfoque no seu contributo para a melhoria da Qualidade das Instituições de Ensino Superior.

Principais conclusões (resumo):

SESSÃO DE ABERTURA

Na sessão de abertura o Vice-Presidente, em representação do Presidente do IPQ, deu as boas vindas aos participantes, e congratulou-se com a realização anual destes Encontros e com o seu interesse e grau de participação manifestado pela comunidade académica.

Referiu que Qualidade e Inovação são efectivamente palavras-chave para encontrar caminhos para a Excelência na Educação.

A Coordenadora do GT2 (Eng.^a Alexandra Pontes), em representação da coordenadora da CSII, fez uma breve apresentação da Comissão Sectorial para a Educação e Formação e das actividades desenvolvidas nos últimos anos. Seguidamente, e pelo facto do representante da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior ter manifestado na véspera do evento a sua impossibilidade de estar presente, um dos membros do GT2 (Dr.^a Marta Pile) fez uma breve apresentação das actividades desta Agência nos últimos 3 meses.

A OFERTA EDUCATIVA

Moderador: Prof. Doutor João Carlos Relvão Caetano, Pró-Reitor para o Reordenamento Institucional da Universitária da Universidade Aberta

Na introdução deste Painel, o Pró-Reitor da Universidade Aberta lamentou o facto das Universidades Portuguesas se encontrarem em posições modestas nos rankings internacionais e lembrou que o trabalho feito pelas Universidades, no âmbito do processo de Bolonha, até esta data, foi uma operação de reengenharia curricular. Referiu entender que os temas escolhidos para este Encontro focam exactamente todo o trabalho que urge fazer para completar o Processo de Bolonha.

TEMA I: Estrutura Curricular e Modelo Pedagógico

O Prof. Doutor Tawfiq Rkibi, Director do Instituto Superior de Línguas e Administração, apresentou uma visão geral da implementação do Processo de Bolonha na instituição que dirige, focando os aspectos descritos de seguida e que considera essenciais.

Declarou, como princípio fundamental do ISLA, que a qualidade neste Instituto se entende revelada não pelo ensino que a instituição ministra, mas sim pela empregabilidade dos seus diplomados e pelo sucesso da sua carreira profissional.

Apresentou, de forma sucinta, aqueles que considera os objectivos mais relevantes da reforma de Bolonha, a face visível e invisível desta reforma, os factores que a condicionam e as suas consequências

para o ISLA, nomeadamente, a dificuldade que se observa em atingir um dos objectivos mais evidentes da reforma (a comparabilidade), a resistência cultural dos estudantes e dos próprios docentes, as exigências do RJES que têm obrigado a dispensar alguns docentes especialistas por não terem o grau de Doutor, os custos associados, a falta de preparação de alguns estudantes que ingressam no ensino superior, esta última consequência, em parte, do “acesso a maiores de 23 anos” (20% dos alunos do ISLA) e do “facilitismo” que se verifica nos graus de ensino anteriores.

Por fim, foram apresentadas as respostas do ISLA a estas consequências da Reforma de Bolonha: o ISLA está a cumprir os rácios obrigatórios por força da Lei, os novos alunos têm aulas de preparação durante todo o mês de Setembro nas disciplinas consideradas fundamentais ou mais difíceis, foi criada uma tutoria assumida pelos discentes e por docentes recrutados para este efeito; a plataforma de e-learning do ISLA passou a ter um carácter obrigatório para todos os docentes e tem-se revelado fundamental para os trabalhadores-estudantes (disponibilizados exames resolvidos, fichas de trabalho, bibliografia, incluindo a animação de grupos de discussão); foram ainda tomadas medidas para reduzir o tempo gasto pelos estudantes/entraves em processos administrativos com a criação da secretaria virtual, e feito um esforço para que os docentes apresentem actividades extra-curriculares (profissionais que vêm às aulas falar do seu ofício, seminários, encontros, ...). Como nota final foi salientado o elevado índice de empreendedores do ISLA e a possibilidade de os alunos escolherem o seu currículo.

TEMA 2: Novos Públicos e Internacionalização

Prof. Doutor Joaquim Ramos de Carvalho, Vice-Presidente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Coordenador do Mestrado em “Património Europeu, Multimédia e Sociedade de Informação” apresentou este mestrado (EUROMACHS), leccionado na Universidade de Coimbra em total parceria com outras universidades do Norte da Europa (4 instituições europeias – parceria Polónia, Finlândia, Itália e Portugal), tendo como público-alvo alunos internacionais (no 2º semestre os alunos vão para uma das universidades estrangeiras, onde é oferecido o módulo; no 3º 4º semestres regressam à origem para elaborar a tese), podendo os diplomados obter emprego em qualquer um dos países envolvidos.

Testemunhou que, apesar da Reforma de Bolonha ter facilitado a internacionalização, o programa deste ciclo de estudos ser oficialmente internacional (co-financiado pela EU), as bolsas Erasmus facilitarem a mobilidade associada a este Mestrado, tratar-se de um mestrado profissionalizante e *project-based*, existir uma estrutura curricular comum em todos os países (publicada em DR o que evita a necessidade de equivalências), constata-se que permanecem, sem solução, os seguintes problemas: a calendarização escolar entre os países envolvidos é muito diferente chegando a verificar-se uma diferença de 7 ou 8 semanas no início das aulas de um país para o outro; há uma grande assimetria de propinas e custos; em cada instituição é estabelecido um programa de cooperação numa área disciplinar distinta da área disciplinar da(s) instituição(ões) parceira(s).

Evidenciou que a área das humanidades não está em crise, existe sim uma renovação dos clientes decorrente do sector emergente da economia cultural. Existe a necessidade de um novo tipo de profissional desta área (um “actor de fronteira” entre as humanidades e os novos meios/tecnologias).

A qualidade tem-se revelado uma questão absolutamente fundamental neste tipo de oferta educativa, especialmente pela diferença cultural entre os vários parceiros (e também porque faz parte dos requisitos de candidatura a existência de um procedimento formal de qualidade).

Foi elaborado um Manual da Qualidade do Mestrado, onde estão claramente explicados de forma inequívoca, por exemplo, os procedimentos e as responsabilidades de cada um.

Por fim, foi referido que as universidades devem estar preparadas/organizadas para ensinar português de qualidade aos alunos estrangeiros, que a simbiose entre as dimensões Internacionalização, Bolonha e Qualidade resulta dos processos herdados da mobilidade organizada, e que no futuro ainda existe um longo caminho a percorrer.

A MOBILIDADE

Prof. Doutor Sebastião Feyo Azevedo, Docente e Director do Departamento de Engenharia Química da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto; Delegado Nacional do Bologna Follow-Up Group moderou o 2º painel do Encontro, subordinado a este tema. Como notas introdutória salientou, entre outras, ser um forte defensor do Processo de Bolonha e que a mobilidade em Portugal está muito abaixo da média Europeia (a meta Europeia até 2020 é 20%).

TEMA 1: Estudantes

O Dr. Carlos Sousa, Agência Nacional PROALV, apresentou as medidas de apoio à mobilidade dos

estudantes do Programa ERASMUS (que envolve também Docentes, Não Docentes, Instituições de Ensino Superior e Empresas).

Os diferentes níveis sociais dos estudantes não podem constituir um obstáculo à mobilidade. Em 1987 = 25 estudantes, e a previsão para 2009 é de 5500. Foram, por isso, definidos valores de referência à escala europeia (mínimos e médios) para as bolsas Erasmus, diferenciadas por países de acolhimento (previsão 2009/2010 bolsa estudos=300€/mês estágios=400€/mês).

Uma outra iniciativa socialmente relevante, inédita, é a bolsa Suplementar Erasmus, que visa alargar a base social da mobilidade, promover o suporte financeiro destes estudantes e a igualdade de oportunidades.

Para os estudantes portadores de deficiências (as necessidades específicas são analisadas caso a caso) há uma tentativa de que sejam criadas as condições para que possam entrar em mobilidade (pode incluir a necessidade de um acompanhante no programa de mobilidade).

Um dos maiores constrangimentos frequentemente associados à mobilidade dos estudantes relaciona-se com o reconhecimento académico: inquéritos realizados no âmbito do programa permitem concluir que os maiores obstáculos ao reconhecimento estão relacionados com casos de alteração das disciplinas realizadas pelos próprios estudantes em mobilidade sem aviso prévio da sua instituição; este obstáculo surge também associado a casos em que o conteúdo programático das disciplinas foi alterado, sem aviso prévio.

A língua de ensino/aprendizagem pode, também constituir um obstáculo pois verifica-se que um conjunto de Universidades estrangeiras começa a exigir ao estudante certificado de domínio da língua.

Cooperação Bilateral: a confiança dos acordos que sustentam a mobilidade dos estudantes é muito importante e passa pela verificação da “manutenção” ou “não alteração” dos currículos aquando da assinatura dos acordos.

O início do ano lectivo em diferentes alturas do ano é um constrangimento ainda por resolver.

O reforço do diálogo entre o ensino superior e as empresas é fundamental: requer uma alteração da cultura institucional; dentro dos próprios consórcios Erasmus há a preocupação de envolver empresas satélites nos estágios dos recém-licenciados.

Os estágios são a oportunidade ideal para o estudante construir a consciência do seu futuro profissional e desenvolver competências relevantes que contextualizam o conhecimento adquirido no Universidade. Pensa-se criar uma bolsa suplementar (BSE) de no mínimo 100€.

Como nota final deste tema o Prof. Sebastião Feyo Azevedo destacou que, embora não se tenha aprofundado a temática da mobilidade de funcionários (docentes e não docentes), que a este nível existem problemas relacionados com as contribuições para a reforma e segurança social; e que ainda subsistem problemas no reconhecimento das classificações (problema não linear, cuja resolução passa por acertar as classificações, afinal se é estabelecido um contrato tem que se aceitar tudo).

TEMA 2: DOCENTES/NÃO DOCENTES

A Prof. Doutora Helena Pereira, Vice-reitora da universidade Técnica de Lisboa referiu que o programa Erasmus já tem verbas alocadas a funcionários não docentes e a docentes, no entanto, estas verbas são irrisórias. Trata-se de uma “nova” mobilidade, mobilidade essa que, tradicionalmente, está associada aos docentes e à investigação.

As competências alargadas dos não docentes só podem ser devidamente tratadas se, por exemplo, funcionários dos Gabinetes de Relações Internacionais e Serviços Académicos, dois eixos fundamentais das Universidades portuguesas e com os quais se pode fazer benchmarking, puderem entrar em programas de mobilidade, aprender com congéneres e partilhar experiências. É também muito importante o intercâmbio de experiências dentro do país.

A Vice-Reitora da Universidade Técnica de Lisboa tem tido a experiência de formular os documentos técnicos legais necessários para suportar a oferta de graus conjuntos, depois de já elaborados os currículos e os conteúdos das ofertas formativas: constata, desta sua experiência, que as universidades necessitam de uma estratégia própria para a prossecução deste objectivo uma vez que não existem financiamentos para este fim específico.

Concluiu evidenciando que Bolonha “2.0” tem muito a ganhar com a mobilidade de docentes e não docentes, com o intercâmbio do conhecimento.

SISTEMAS DA QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Moderadora: Prof. Doutora Margarida Mano, Pró-Reitora da Universidade de Coimbra

TEMA 1: Sistemas de Gestão da Qualidade no Ensino Superior

Oradora: Eng. Luís da Costa Lima, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras

Como introdução ao tema foi referida a dificuldade de definição do conceito de Qualidade e foi descrito o Sistema de Gestão da Qualidade desta Escola Superior de Felgueiras (ESTGF), iniciada em 99/00, que tem 1200 alunos, 4 licenciaturas, 1 mestrado e alguns cursos de especialização tecnológica. Destacou que o plano estratégico do IPP 2001-2005 previa a implementação de um sistema de gestão da qualidade baseada na ISO 9001, tendo o ISEP sido a 1ª escola a ser certificada por esta norma, a ESTGF foi certificada em 2005 e recentemente (Janeiro de 2009) certificada pela ISO 9001:2008. Foi apresentado o mapa de processos e realizada uma apresentação mais detalhada de alguns processos.

Processo de gestão – processo de gestão estratégica:

- 2 revisões por ano com responsáveis pelos processos de qualidade;
- revisão do quadro de indicadores por processo (revistos em contínuo/monitorizados);
- preparação do plano anual de actividades: swot, BSC (objectivos operacionais), apoiado pelo gabinete de planeamento e prospectiva (incluindo procedimentos de recolha externa à escola);
- concepção e revisão de cursos;
- logística da actividade lectiva (serviço docente, horários, labs, ...);

Processo de realização – actividade principal:

- actividade lectiva (calendário, horários, registos, ...);
- avaliações (contínua, exames, ...);
- indicadores (cumprimento de programas, taxas de sucesso, ...);
- Avaliação interna/externa (A3ES, OE, ... índices de satisfação docentes, empregadores, alunos, ...);

Processo de suporte – actividade não lectiva:

Foi feita uma apresentação da interligação entre os referenciais: ISO 2008 e ESG (European Standard Guidelines – adaptação ao ensino superior, tendo-se concluído que há sobreposição na maioria dos requisitos.

As principais conclusões foram: a Qualidade deve estar adequada à missão e objectivos da instituição, deve satisfazer as partes interessadas (alunos, docente, empresas, etc.) e deve assentar na melhoria contínua; a cultura de Qualidade deve estar não só ao nível individual, como ao nível organizacional.

TEMA 2: Sistemas Integrados de Qualidade

Oradora: Prof. Doutora Ana Nunes de Almeida, Pró-Reitora e Membro do Grupo Permanente para a Garantia da Qualidade da Universidade de Lisboa

Na introdução foram enumerados os passos seguidos na UL, desde os pontos de partida conceptuais para o caso da UL até à estrutura actual.

Garantia da Qualidade – fazer melhor/inovar/criar (*improvement*) e prestar contas (*accountability*)

Tópicos a reter num sistema de Garantia da Qualidade:

- IES como um todo
- feito à medida
- inclusivo e participado (incluir estudantes, docentes, funcionários, e um consultor/orientador externo)
- liderança mobilizadora
- correr riscos e assumir falhas
- partilhar experiências e divulgar boas práticas (não reinventar a “roda”; rever o que está feito)
- estruturas ligeiras e não burocráticas
- auto-avaliação e avaliação externa
- usar como instrumento de inovação

RESUMO/PRINCIPAIS CONCLUSÕES:

O encerramento do Encontro foi feito pelos moderadores dos 3 painéis:

O Prof. Doutor Relvão Caetano lembrou a posição polémica do Presidente do ISLA relativamente à redução do número de anos para realizar os cursos mantendo as competências; referiu que a qualidade

se afere pela qualidade do desempenho dos diplomados no mercado de trabalho. As grandes preocupações do Presidente do ISLA são relativas aos custos, ao acesso a novos públicos sem preparação para frequentar o ensino superior, ao facilitismo do ensino secundário e a falta de diferenciação entre ensino politécnico e ensino superior; a reforma de Bolonha, no seu entender, só será efectivamente visível daqui a alguns anos.

O Prof. Ramos de Carvalho apresentou um ciclo de estudos com grande grau de inovação, que concilia a área das humanidades e da tecnologia e que tem um público-alvo internacional: esta “coisa atípica” revela como podem coexistir graus conjuntos e a cooperação entre agentes envolvidos impõe-se.

O Prof. Doutor Sebastião Feyo Azevedo referiu que a mobilidade tem sido usada como indicador visível do processo de Bolonha e, reconhecidamente, foi um objectivo não atingido nos primeiros 10 anos da implementação do processo. Impõe-se, portanto, tomar medidas políticas para fomentar a mobilidade.

Os desequilíbrios entre o reconhecimento académico/motivos económicos, problemas de culturas, problemas de cooperação bilaterais resolve-se promovendo a urgente discussão entre colegas e desenvolvendo quadros.

O Prof. Feyo Azevedo realçou duas questões muito importantes referidas pela Vice-Reitora da Universidade Técnica de Lisboa: a da mobilidade interna, dos docentes e do pessoal não docente.

É essencial cativar este último grupo para entrar em programas de mobilidade considerados fundamentais para que se possa tirar partido pleno das sinergias da comunidade de Bolonha.

O terceiro Painel discutiu os Sistemas de garantia da Qualidade da Escola de Felgueiras e da Universidade de Lisboa e a Prof. Doutora Margarida Mano referiu que a primeira grande questão comum foi exactamente a necessidade de encontrar uma definição de qualidade e de ambas as instituições encontrarem na Excelência uma definição que as satisfaça. Liderança foi, também, uma constante em ambas as apresentações, é fundamental fazer bem e cada vez melhor o que deve ser feito. A questão da qualidade e do conceito que lhe está associado foi fundamental nas duas apresentações deste último painel do Encontro: o percurso da qualidade deve ser feito em função do contexto e em função da meta (“onde queremos chegar”).

A escola de Felgueiras fez o seu percurso tendo como “guião” a ISO 9001, via certificação da qualidade e a Doutora Margarida Mano realçou o trabalho de comparação entre os requisitos da ISO 9001 e os requisitos da avaliação da EUA que foi apresentado no Encontro.

O percurso da Universidade de Lisboa foi distinto: esta fez um trabalho de auto-avaliação e análise.

Foi referido um equilíbrio fundamental: a dificuldade em normalizar e, em simultâneo manter a criatividade e inovação.

Mais informações (endereços internet/endereço ficheiros PDF na pasta do servidor, programa, etc):

<http://csedufom.ccems.pt/>, <http://www.ipq.pt/custompage.aspx?pagid=4436>